

GALERIA FEMININA CARIOCA

OS NOMES FEMININOS DA ARTE CARIOCA VÃO MUITO ALÉM DAS FESTEJADAS ADRIANA VAREJÃO E BEATRIZ MILHAZES. ÀS VÉSPERAS DA SP-ARTE, A REVISTA ELA PEDIU AO CURADOR FRANCÊS MARC POTTIER QUE FIZESSE UMA SELEÇÃO DAS ARTISTAS DA NOSSA CIDADE EM QUE VOCÊ DEVE APOSTAR JÁ

Por MARC POTTIER

A exposição “Elas: Mulheres Artistas da Coleção do Centro Pompidou” que eu, Cécile Debray e Emma Lavigne organizamos há cinco anos no CCBB do Rio, foi ocasião de muitas celebrações. Primeiro por ter destacado o talento das artistas, segundo por ter recebido duas doações de obras, uma de Lygia Clark e outra de Lygia Pape, que passaram a integrar a coleção do centro cultural e, finalmente, por ter incluído na exposição outras brasileiras, como Anna Bella Geiger, Anna Maria Maiolino, Janaina Tschäpe e Sonia Andrade.

A escolha dos temas foi uma estratégia para “desalinhar o gênero”, desmontar o preconceito contra uma “arte feminina” e mostrar que as mulheres fizeram a história da arte do século XX tanto quanto os homens.

Nenhuma revolução das artes lhes foi estranha: fotógrafas e videastas desde o início, *performers* e pioneiras da era pré-digital. Falo de Anita Malfatti, Maria Martins, Tarsila do Amaral (celebrada agora no MoMA de Nova York), Mira Schendel, Tomie Ohtake, além dos ícones da arte contemporânea Lygia Clark e Lygia Pape, que só recentemente foram celebradas internacionalmente.

O Brasil sempre foi o país mais *avant-garde*, com uma presença única de artistas mulheres no mundo, e continua hoje essa tradição de forma maravilhosa, com um incrível leque de talentos numa ampla variedade de direções artísticas. Nesse panorama, o Rio sempre foi um celeiro de mulheres geniais, uma tradição que segue com talentos promissores e *must-haves*, como você confere agora. **e**



FERNANDA GOMES

Se você não é sensível ao minimalismo, à arte povera e à poesia, então siga adiante! Mas seria uma pena, porque não teria a chance de conhecer uma das mais incríveis artistas brasileiras. Estamos falando de uma mulher acostumada aos grandes museus e aos grandes encontros artísticos internacionais. A partir de elementos de recuperação, Fernanda toca com a luz a sua cor favorita, o branco, as linhas, os planos, os volumes e o espaço. A simplicidade de suas composições, pinturas-esculturas, e instalações é imprecisa. Ela sabe como chegar ao ponto a partir do nada.



“O BRASIL SEMPRE FOI O PAÍS MAIS AVANT-GARDE, COM UMA PRESENÇA ÚNICA DE ARTISTAS MULHERES NO MUNDO, E CONTINUA HOJE”



MARIA NEPOMUCENO

Esta grande escultora, celebrada em todo o mundo, gosta de recorrer às comunidades, valorizar as culturas indígenas, a arte popular e incluir elementos da vida cotidiana em suas obras. Suas esculturas e instalações são compostas de redemoinhos de bordados, palhetas trançadas, cordas de todas as cores, grânulos de plástico de vários tamanhos, cores e cerâmica. Propõe um mundo montado para sugerir metaforicamente formas animais, plantas, corpos e paisagens cada vez maiores, comemorando a força tropicalista e a importância da natureza.



ALICE MICELI

Acostumada a grandes eventos internacionais, Alice faz pesquisas em viagens investigativas para mostrar manifestações virtuais, físicas e culturais de traumas ocorridos em paisagens naturais e urbanas. Ela trabalha com fotografia, vídeo e instalações, focando nas barreiras e nas potencialidades dessas mídias. Miceli explorou, por exemplo, a Zona de Exclusão de Chernobyl, na Bielorrússia, e os arquivos de pessoas assassinadas no Camboja sob o regime do Khmer Vermelho. Uma obra estruturada em torno das crises da sociedade contemporânea.



LAURA LIMA

Em um currículo bem repleto, foi a artista-curadora da 7ª Bienal do Mercosul, com o Pavilhão do Absurdo, e a primeira artista brasileira que teve uma obra na categoria "Performance" adquirida por um museu brasileiro, o MAM de São Paulo. Laura coloca o corpo humano no centro da prática artística, mostrando a força física, o vínculo entre as coisas, o espaço e a luta diária do homem. Mas ela também gosta de trabalhar com imagens que não fazem sentido, o que, provavelmente, deriva do seu treinamento como filósofa e amante da literatura e do cinema.





MANOELA MEDEIROS



Nas obras *in situ*, em suas esculturas e instalações "Escavações" e em suas performances, a presença do corpo no espaço é o principal instrumento de trabalho. Suas abstrações envolvem questionamentos sobre o tempo e o espaço, o vazio e o invisível. "Escavação" é o nome dado pela artista para o procedimento utilizado na elaboração da maior parte de suas obras. Ela retira determinadas camadas da pintura de uma parede até chegar ao revestimento mais rígido abaixo. A obra aponta para o caráter transitório de tudo e para a relação entre o que se mantém e o que transforma.



CHIARA BANFI



Em 2005, eu já havia notado essa jovem artista na exposição "J'en rêve", da Fundação Cartier, em Paris, em que ela pintou curiosas presenças abstratas e dinâmicas nas grandes janelas da fachada do prédio de Jean Nouvel. Chiara não se limita ao seu tema favorito, a música. Gosta de investir em espaços como um vírus, infiltrá-los com formas orgânicas tridimensionais ou pintadas. Suas referências primordiais são a natureza, a botânica, e a paisagem, assim como o som e as noções de ritmo, sequência, pausas e improviso em um movimento de desconstrução.



SONIA ANDRADE



Tudo é dito no trabalho desta discreta mulher, já várias vezes bisavó, que recusa entrevistas. Ela queria permanecer quase clandestina, para não jogar o jogo do mercado de arte ou da mídia. Parece querer considerar apenas o que pode suscitar um interesse duradouro. Sem conversa fiada em sua casa, falamos só sobre arte. Seus trabalhos, fotos, vídeos, e instalações não especificam títulos — ela nunca os dá. Sonia não reclama movimentos feministas. Sua obra fala sobre a importância da imagem, a imagem como arte corporal, a imagem como lugar do espectador e a arte do tempo.



MARIA LAET



O trabalho de Maria é criado por meio do resultado de gestos e intervenções delicadas e poéticas, envolvendo desenhos, gravuras, fotografias e vídeos que questionam sutilmente a noção de limite. É uma nova forma de arte terrestre, em que a artista e costureira de praias e paisagens alinha a areia com fios, reúne elementos encontrados, drena leite dos interstícios de vários solos. Tanto as fotografias como os vídeos em preto e branco, silenciosos e minimalistas, vêm testemunhar essa poesia magistral do gesto e da aparência.



ALETA VALENTE



É difícil enquadrar um talento como esse, que poderia tanto ser vinculado ao movimento Fluxus, quanto às intervenções de artistas como a francesa Gina Pane ou a guatemalteca Regina Jose Galindo. Ela quer atrair atenção e usa a internet e as redes sociais como uma plataforma. Mas suas performances, filmadas ou não, em que compartilha sua intimidade, falam da natureza humana ou da feminilidade. Ela também inventa personagens. É um exercício poderoso em que não hesita em tornar-se vulnerável e mostrar sempre seu poder observador.

CRÉDITOS: "RUÍNAS", DE MANOELA MEDEIROS, E RETRATO DA ARTISTA, AMBAS DIVULGAÇÃO; "PAUSA", DE CHIARA BANFI, EDUARDO FRAIPONT, E RETRATO DA ARTISTA, FABIO AUDI; REPRODUÇÃO DE UM DOS OBJETOS DA INSTALAÇÃO "HYDRAGRAMMAS" DE SONIA ANDRADE; DIVULGAÇÃO, ERETRATO DA ARTISTA, ZZN PERES; "POOR BUT HOTTER THEN YOU" E DETALHE DE "RURAL GIRL" DE ALETA VALENTE; AMBAS DIVULGAÇÃO; FRAME DO VÍDEO "SEESAW" DE MARIA LAET; SUMA FILMES, ERETRATO DA ARTISTA, GUSTAVO MALHEIROS



VIVIAN CACCURI

Vivian tem uma longa lista de músicos com quem colaborou: Arto Lindsay, Gilberto Gil e Fausto Fawcett, entre outros. Lançou seu projeto musical "Homa" em 2016 e escreveu o livro "O que faz é música", que investiga os primeiros discos de vinil feitos por artistas plásticos no Brasil. Seu trabalho cria inter-relações entre fenômenos sonoros, performances e o espaço público. Ela utiliza o som para cruzar experimentos de percepção em questões relacionadas aos condicionamentos históricos e sociais. Objetos, instalações e performances criam situações que desorientam.



ROSÂNGELA RENNO

Influenciada pelo que vê nas ruas, pelas notícias em jornais e pela vida cotidiana, Rosângela tem o hábito de colecionar imagens descartadas. Ela produz fotografias, instalações e objetos, e utiliza arquivos públicos e privados como experiência, abordando questões acerca da natureza da imagem, trabalhando sobre seu valor simbólico e seu processo de despersonalização. Seus projetos são meros pretextos para falar da humanidade e combater o esquecimento.

EXPERIMENTAÇÃO SONORA, O VALOR SIMBÓLICO DAS IMAGENS E A POESIA DOS GESTOS ESTÃO PRESENTES NA OBRA DESSAS ARTISTAS



MARIANA MANHÃES

É um universo muito peculiar que esta designer e criadora de colagens originais nos propõe. Mariana produz esculturas com conexões eletrônicas entre telas de vídeo e mecanismos robóticos. As obras, que são confeccionadas em parceria com seu pai engenheiro, relacionam as coisas animadas e inanimadas, estabelecendo um curioso vocabulário: o biológico, o eletrônico e o psicológico. Seus trabalhos se aproximam da produção de esculturas que possuem comportamentos próprios, assumindo, por vezes, códigos que remetem às formas humanas.



LUIZA BALDAN

Luiza investiga dinâmicas urbanas que se estabelecem entre o homem e a arquitetura, a memória e a cidade. Suas fotografias, seus filmes e textos convertem-se em uma espécie de performance dilatada dos lugares onde reside e por onde passa. A imersão é parte fundamental da pesquisa. Entre as residências, aparecem os icônicos edifícios Copan, em São Paulo, e Pedregulho, no Rio. Ela acha que a arquitetura põe na paisagem desenhos que são úteis à fotografia. Sua arte não é feita para ser compreendida de modo geral, mas para fazer sentir.

"ODEBRECHT SOUNDSYSTEM", DE VIVIAN CACCURI, E RETRATO DA ARTISTA, AMBOS DIVULGADOS; PANORÂMICA DA EXPOSIÇÃO #RIOUTÓPICO, DE ROSÂNGELA RENNO, LEONARDO WEN, E RETRATO DA ARTISTA, RICARDO TOSCANI; "SEM TÍTULO", DE LUÍZA BALDAN, E RETRATO DA ARTISTA, VICENTE DE MELO - CORTESIA ID CULTURAL; "EM (PLANTAY)", DE MARIANA MANHÃES, DIVULGADO; E RETRATO DA ARTISTA, VICENTE DE MELO